



RELATÓRIO DO I SEMINÁRIO RELIGIÃO, EPISTEMOLOGIAS DO SUL E FEMINISMO DESCOLONIAL, REALIZADO NA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO-UMESP, NO DIA 21 DE JUNHO DE 2018

Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha*

Organizadoras: Doutoranda Priscila Kikuchi Campanaro e Mestranda Letícia Ap. Ferreira Lopes Rocha (UMESP).

Apresentações: Profa. Dra. Cristina Borges (UNIMONTES), Profa. Dra. Anete Roesse (UnB)

Debatedores: Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza e Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth (UMESP).

APRESENTAÇÃO

Este seminário apresentou-se à comunidade acadêmica como uma importante oportunidade de empreender discussões e reflexões sobre as Epistemologias do Sul, Feminismo Descolonial e a relação destes com a religião. E perceber como tais aportes teóricos e metodológicos podem contribuir com o estudo do fenômeno religioso, mas também contribuir com a leitura do tempo presente.

As Epistemologias do Sul, Estudos Pós-coloniais/descoloniais, Estudos Subalternos ou outros termos, são reflexões que se produzem a partir do contexto cultural e político de cada sociedade, sendo assim, não são epistemologias neutras, elas incidem nas práticas de conhecimento, questionando o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das epistemologias dominantes. (SANTOS e MENEZES, 2010).

* Mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Ciências da Religião pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Pós-graduada em Neuropsicologia Educacional pela Faculdade Santo Agostinho.



Entre os desdobramentos teóricos derivados das epistemologias do Sul, destacamos duas delas. 1) As **teorias descoloniais**, que se pretendem uma abertura e um desprendimento da racionalidade moderna/imperial (MIGNOLO, 2007), no qual o eurocentrismo é uma perspectiva cognitiva produzida a longo do tempo no mundo, e que naturaliza as experiências das pessoas a partir de um padrão de poder que as classifica como inferiores e superiores (QUIJANO, 2007), originando assim, diversas formas de desigualdades que são naturalizadas pelas colonialidades. Nesse sentido, este seminário se propõe a refletir e a pensar essas dimensões a partir das tradições religiosas, mais especificamente, do cristianismo e das tradições afro-brasileiras e do feminismo descolonial. 2) As **teorias pós-coloniais**, que se caracterizam como um paradigma emergente que se assenta numa racionalidade mais ampla, procurando superar a dicotomia natureza/sociedade e sujeito/objeto. Além disso, visa à reconstrução da história a partir das experiências das vítimas (SANTOS, 2006). Tais vítimas são silenciadas a partir da violência epistêmica que se desenvolve no contexto “da produção colonial, onde o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, e especialmente o sujeito subalterno feminino que está ainda mais profundamente na obscuridade”. (SPIVAK, 2010, p.67)

De maneira geral, as epistemologias do Sul podem ser definidas como perspectivas de análise social, pois sua articulação tem sido feita em diversas áreas do conhecimento, especialmente das ciências humanas. Portanto, esse seminário foi idealizado pela necessidade de discutir formas nas quais as epistemologias do Sul podem ser articuladas com o fenômeno religioso. Acreditamos que o mesmo pode promover um debate importante sobre os estudos pós-coloniais e descoloniais com foco na religião nos seguintes aspectos: revisão crítica da religião, a partir da suspeita como lugar epistemológico e o questionamento dos fundamentos acerca dos estudos de religião subordinados à epistemologia eurocêntrica. (WIRTH, 2013.)

A religião é uma das variáveis adequadas à colonização das subjetividades (WIRTH, 2013), sendo assim, se faz necessário também considerar a dimensão do feminismo nesta discussão, e por isso evocamos as contribuições do *feminismo descolonial*, que possui como pressuposto a



denúncia das relações assimétricas que são estabelecidas na academia, na sociedade e na religião, principalmente nas pesquisas realizadas por mulheres acadêmicas brancas sobre as “mulheres de terceiro mundo”, e em espaços que discutem esse debate (SARTORE, SANTOS e SILVA, 2015). Essas denúncias evidenciam que há uma indiferença em relação às violências sistêmicas que afetam as mulheres não brancas, por conta da *colonialidade do poder* e da *colonialidade de gênero* (LUGONES, 2014).

Além disso, identificamos como desafio compreender de que maneira é possível utilizar a perspectiva feminista descolonial nos estudos sobre religião, especialmente no que tange à inserção feminina nos espaços religiosos. Os estudos a respeito de religião, epistemologias do Sul, e feminismo descolonial ainda são exíguos no Brasil, por isso as idealizadoras do 1º. Seminário Religião e Epistemologias do Sul acreditam que podem contribuir com a academia e a sociedade civil, abrindo um espaço para disseminar ideias e propostas acerca desse assunto.

OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

Refletir sobre as Epistemologias do Sul e suas implicações no campo de estudos da religião.

Apresentar a relação entre epistemologias do sul e as discussões sobre feminismo descolonial e religião.

JUSTIFICATIVA

“La descolonialidad no es un proyecto de vuelta al pasado sino um proyecto presente mirando hacia el futuro” (Ramón GROSGOUEL; CANAVATE, Doris Lamus, 2007, p. 329).¹

As Epistemologias do Sul se apresentam como um campo emergente e multifacetado, que tem provocado os saberes acadêmicos até então construídos e cristalizados pela hegemonia eurocêntrica, promovendo novos deslocamentos e discursos a partir dos saberes do Sul.

Seguindo a perspectiva lançada por Grosfoguel, essa ferramenta teórica e metodológica é um projeto que tem em sua forma e conteúdo um olhar crítico ao passado dos povos colonizados, e se propõe

¹ La descolonialidad no es un proyecto de vuelta al pasado sino um proyecto presente mirando hacia el futuro.



a alçar outras e novas formas de compreensão da realidade, a partir dos povos colonizados, em outras palavras, é dar voz aos esquecidos e aliados da história.

Nesse sentido, a proposta deste seminário é evocar as Epistemologias do Sul para o debate acadêmico, visto que tais estudos são recentes na academia brasileira e se encontram em construção. Ao que concerne ao campo de estudos da religião, há ausência de pesquisas que relacionem essas temáticas. Por isso, este seminário se apresenta à comunidade acadêmica como uma importante oportunidade de empreender discussões sobre tais questões, e ademais, o fato de incorporar o fenômeno religioso, o torna ainda mais inovador e necessário, pois, ainda não existem muitos espaços que estão articulando este debate no Brasil, e especialmente a sua relação com o feminismo. E por fim, vale ressaltar que, tais teorias metodológicas possuem um caráter prático de inserção e de militância, fatores essenciais nesse momento da história do nosso país, em que vivemos momentos de perda de direitos e da democracia, há ocorrência de violências diversas que pesam principalmente sobre a vidas das mulheres, negros, pessoas LGBTI.

EXPOSIÇÃO DAS CONVIDADAS

Cristina Borges- Mestre e doutora em Ciências da Religião, realizando pós-doutorado em Ciências da Religião na PUC-Minas. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES. Atuando nos seguintes temas: interculturalidade, pensamento descolonial, epistemologias pós-coloniais, cultura e religião afro-brasileiras, religiões afro-brasileiras no sertão norte-mineiro.

O tema da mesa suscita-nos reflexões que dizem respeito ao problema do conhecimento, ao fenômeno religioso e a ética. E rompe enquanto desafio frente ao sectarismo próprio e característico dos dias atuais. Sectarismo que se impõe não apenas como apego exagerado a um ponto de vista, mas sobretudo porque expressa discursos que velados ou não propõem combate as diferenças e a sistemas simbólicos marginais. Ademais, o tema proposto proporciona debates que podem gerar inclusive em torno do estatuto epistemológico das Ciências da



Religião que recentemente tem assumido a possibilidade de adotar epistemologias marginais no estudo da religião. Penso que a grande contribuição dessas epistemologias é possibilitar ao sujeito subalterno, historicamente subalternizado, espaço para seu enunciado. Para a articulação entre religião e Epistemologias do Sul, trago as religiões de matriz africana para a reflexão. Estas epistemologias são militantes e quem trabalha com elas precisa militar também.

Anete Roese: Graduação, mestrado e doutorado em Teologia. Atualmente realiza pós-doutorado no Programa de pós-graduação em Direitos Humanos na UnB. Integrante do grupo de pesquisa Antropologia e Direitos Humanos na UnB. Atuando nos seguintes temas: Religião e colonialidade.

Tenho pesquisado nos últimos tempos o modo de fazer religião das mulheres, sobretudo no que diz respeito à criação e à fundação de pequenas e novas igrejas por mulheres no âmbito do cristianismo. Veremos nas pesquisas que essas mulheres saem das igrejas evangélicas, passaram pelo catolicismo, foram mães_de_santo. No Brasil, já temos diferentes pesquisas que têm verificado esse processo das mulheres que fundam pequenas igrejas. Quero compartilhar com vocês um pouco dessas questões a partir de epistemologias do sul. Farei uma breve introdução sobre feminismo, religião e colonialidade.

As feministas latino-americanas, sobretudo negras, lésbicas e indígenas são as grandes protagonistas inicialmente desses estudos acerca do que denominamos de feminismo descolonial. Pode-se dizer que é um momento fértil de produção acadêmica de um feminismo latino-americano. Despontam vozes subalternas que propõem uma ruptura com a produção feminista branca.

(Os textos apresentados pelas professoras no referido seminário encontram-se na íntegra nesse dossiê).

REAÇÃO DOS DEBATEDORES

Profª. Drª. Sandra Duarte Souza: Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião, Pós-Doutorado em História Cultural (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (UMESP). Atuando no campo da sociologia da religião.



Vocês apresentaram essa ideia descolonial pós-colonial e como isso nasce a partir de uma crítica ao sexismo, ao racismo, ao etnocentrismo epistêmico da modernidade, modernidade colonial, isso se soma ao conceito de interseccionalidade que vemos nos estudos feministas. As feministas negras, feministas lésbicas, já na década de 1980, faziam essa discussão, podemos pensar também, as teólogas feministas-mujeristas também que faziam esse tipo de discussão da necessidade da interseccionalidade. No Brasil, já aparecia essa discussão com a Sueli Carneiro, Lelia Gonzalez, Ana de Araújo. Mas antes delas, no final da década de 1960, a Heleieth Saffioti já levantava essa discussão, particularmente pensando a interseccionalidade como classe. Essa discussão já aparecia de certa forma.

Há uma reivindicação crescente no Brasil no campo interseccional. Aqui no Brasil não vemos muitas referências ao feminismo descolonial, diferente de outros lugares da América Latina, que aparece com mais força. O que vocês atribuí esse pouco interesse nessa temática aqui no Brasil? Será que estaria vinculado a essa ideia de reivindicação descolonial da descolonialidade do feminismo, em especial do feminismo latino-americano e eu diria ainda em especial do feminismo brasileiro?

A reflexão descolonial explicita as implicações da modernidade, colonialidade sobre o processo de subalternização das mulheres. Isso levou Lugones a afirmar que: “descolonizar gênero é necessariamente uma práxis”. Como entender esses processos combinados de racialização, colonização, exploração capitalista, heterossexualismo que implica a subalternização das mulheres. Como podemos entender melhor essa ideia da descolonialização de gênero como uma práxis?

Tomando o feminismo descolonial como uma chave epistêmica que nos desafia a pensar o feminismo a partir do nosso lugar, do nosso contexto, dos saberes locais que desafios se colocam à práxis feministas no Brasil, quais seriam as implicações disso para as religiões? Para usar uma expressão da Rita Laura Segato, vocês vislumbram “brechas descoloniais” na relação das mulheres com a religião? Onde estão as brechas descoloniais no contexto religioso brasileiro?

Prof. Dr. Lauri Wirth: graduação em Teologia e Ciências Sociais, doutorado em Teologia. Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião-UMESP. Atuando no campo da História do Cristianismo.



Uma das grandes lacunas dos programas de Ciências da Religião e Teologia no Brasil são as abordagens acerca de questões: afro e indígenas, apenas 5% dos programas tratam de tais questões. Isso tem um fundo histórico à hegemonia do cristianismo na América Latina.

Desafios de pensar o mundo plural- a ideia de alteridade, quando não consigo decifrar o outro.

Ter consciência do lugar de onde enunciamos.

RESPOSTAS ÀS REAÇÕES

Profa. Dra. Cristina Borges

Vejo brechas de descolonização de gênero nas religiões afro-brasileiras, mais precisamente na umbanda e na quimbanda. A umbanda é feminina. As sacerdotisas têm mais credibilidade do que um hetero ou, também, um homossexual, são mais competentes para manipular a natureza, que é feminina e, assim, trazer as modificações que a pessoa deseja. Na minha experiência visitando terreiros a 15 anos, percebo que, por ser a umbanda feminina, as mulheres têm certa independência e autonomia. A umbanda é uma religião afro com outro paradigma de mulher, independente e autônoma.

Profa. Dra. Anete Roese

A colonialidade está presente em todos os lugares, nada mais foge, nada mais escapa. As feministas descoloniais estão falando das brechas e das fissuras: Maria Lugones fala de subjetividades ativas, como nós podemos visualizar subjetividades ativas? O que ainda tem de dominante que foge da colonialidade, pois tudo já está capturado por esta.

Fazer leituras de autoras latino-americanas nos ajuda a descolonizar.

Por que o desinteresse no Brasil pelo feminismo descolonial? Por que o nosso feminismo é predominantemente europeu, branco, heterossexual que não nos deixa ver as feministas negras, lésbicas latino-americanas. Nossa internacionalização tem que ser europeia... E aqui na América Latina temos trabalhos muito interessantes, no Equador com Catherine Walsh, Bolívia, Argentina, México.

A importância da formação popular para descolonização de gênero. Temos que voltar e a partir da academia encontrar brechas para vol-



tarmos aos grupos, fazer formação, ensinar feminismo da base, enfim, todo esse movimento que fizemos a partir dos anos 70, 80 e 90.

A minha tentativa é justamente mostrar que a colonialidade não dominou tudo, que há brechas e fissuras porque senão damos a última palavra ao espírito colonial.

REFERÊNCIAS

Lamus, D. (2007). Diálogos descoloniales con Ramón Grosfoguel: Trasmmodernizar los feminismos, Entrevista a Ramón Grosfoguel, Tabula Rasa, nº 7, julio/diciembre, pp. 323-340. Disponível em <<https://www.revistatabularasa.org/numero-7/grosfoguel.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2018.

LUGONES, María. Colonialidad y género. In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa; CORREAL, Diana Gómes; MUÑOZ, Karina Ochoa. (editoras). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala. Editorial Universidade del Cauca, 2014.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimento y apertura. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidade epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidade Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: <<http://revistatabularasa.org/numero-8/mignolo1.pdf>> acesso em 15 de abril de 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del Poder y Classificación Social. In CASTRO-GOMES, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para uma diversidade epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Universidad Central, 2007. 93-123. Disponível em < <https://goo.gl/SPJ4eX>. > Acesso em 01 fevereiro 2016.

SANTOS Boaventura de Sousa de e MENEZES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Ed. Cortez. São Paulo. 2010

SARTORE, Anna Rita; SANTOS, Aline Renata dos; SILVA, Camila Ferreira da. Tecendo Fios Entre o Feminismo Latino-Americano Descolonial e os Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos. In: Revista Intertérios. Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, BRASIL v_1, n_1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/intertorios/article/view/5011/4295> acesso em: 29 de mai. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. In PASSOS, João Décio e USARSKI. Compêndio de ciência da religião. São Paulo. Paulinas.2013.

Submetido em: 31-10-2018

Aceito: 22-11-2018